

JOSÉ ALMEIDA JÚNIOR

VENCEDOR DO PRÊMIO SESC DE LITERATURA E FINALISTA DO PRÊMIO JABUTI

O HOMEM QUE  
**ODIAVA**  
MACHADO  
DE ASSIS



JOSÉ ALMEIDA JÚNIOR

O HOMEM QUE  
**ODIAVA**  
MACHADO  
DE ASSIS

**COPYRIGHT © 2019. O HOMEM QUE ODIAVA MACHADO DE ASSIS, DE JOSÉ ALMEIDA JÚNIOR. PUBLICADO EM PARCERIA COM VB&M \_ VILLAS-BOAS & MOSS AGÊNCIA LITERÁRIA.**

**COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2019**

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**

Preparação **TUCA FARIA**

Revisão **CARLA SACRATO**

Capa e Diagramação **OSMANE GARCIA FILHO**

Imagens de capa **MONTAGEM COM IMAGENS DE STILL AB | SHUTTERSTOCK, MSSA | DEPOSITPHOTOS E MACHADO DE ASSIS SOBRE ILUSTRAÇÃO DE FERNANDO MENA**

Imagens de quarta-capa **DIOGEN E NISAKORN NEERA | SHUTTERSTOCK**

Imagens de miolo **[P. 1 ] ARTE SOBRE REPRODUÇÃO DE FOTO E GRAVURA DA BIBLIOTECA NACIONAL, RETRATO DE CAROLINA XAVIER DE NOVAIS E GRAVURA DE HENRIQUE BERNARDELLI. [PP. 2-3] PLATSLEE | SHUTTERSTOCK**  
**DEMAIS IMAGENS, REPRODUÇÕES DO ACERVO DA BIBLIOTECA NACIONAL.**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Almeida Júnior, José

O homem que odiava Machado de Assis / José Almeida Júnior. — São Paulo : Faro Editorial, 2019.  
240 p.

ISBN 978-85-9581-075-4

1. Ficção brasileira 2. Assis, Machado de I. Título

19-0483

CDD B869

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção brasileira B869



1ª edição brasileira: 2019

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,  
adquiridos por FARO EDITORIAL

Avenida Andrômeda, 885 – Sala 310

Alphaville – Barueri – SP – Brasil

CEP: 06473-000 – Tel.: +55 11 4208-0868

[www.faroeditorial.com.br](http://www.faroeditorial.com.br)

# CAPÍTULO 1



**OS FREGUESES DA TAVERNA DO FERREIRA NÃO PUXAVAM** assunto comigo, sabiam que eu não costumava jogar prosa fora. Sempre que me perguntavam algo, ficavam sem resposta. Quando o homem chega a uma idade como a minha, não tolera perguntas vazias, assuntos banais, conversas sobre o clima e o que se passa nos bastidores da sociedade fluminense. Um dos poucos com quem dialogava era o próprio dono do boteco, que se recusava a me servir antes de perguntar os mexericos da cidade.

A taverna tinha poucos frequentadores, mas os escassos clientes compareciam com regularidade. A maioria trabalhava no edifício do Silogeu, que ficava alguns metros adiante. O prédio abrigava a Academia de Medicina, o Instituto dos Advogados do Brasil, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a Academia Brasileira de Letras.

Aproximei-me do balcão mancando. Os joelhos rangiam, o tronco envergado pesava sobre os quadris e o tendão de Aquiles tentava se aliviar no sustento da bengala. O efeito das duas doses de conhaque que tomara em casa começava a passar. Sentei-me num banco sem encosto para as costas. As cadeiras e as mesas estavam ocupadas. Nunca tinha visto a taverna tão movimentada. A todo momento, sujeitos vestidos de preto chegavam para beber. Depois do terceiro trago, alguns soluçavam junto ao balcão. Pareciam consternados. No Silogeu, ocorria o velório de Machado de Assis.

Eu havia saído com a intenção de contar a todos que Joaquim Maria Machado de Assis não passava de um leviano. Pouco me importava se o velório não propiciava revelações ultrajantes sobre o defunto.

Poderiam me execrar por isso, mas o segredo que carregava comigo tinha que ser escancarado. A partir daquele dia, a imagem de intelectual cordato que todos tinham do escritor iria mudar.

Ferreira, sempre sedento para saber os mexericos do momento, sorriu do outro lado da bancada levantando o bigode grisalho em direção às orelhas.

— Uma dose de conhaque — pedi, batendo a bengala no balcão.

Ele serviu a bebida, que virei de uma golada só. Cuspi no chão e pigarreei. Senti de imediato um alívio nas costas. Estendi a mão com o copo vazio para que o enchesse novamente.

— Como vão as novidades? — perguntou, sorrindo com a garrafa suspensa no ar, como se aguardasse alguma notícia como condição para me servir.

Seria a oportunidade de falar ao homem mais fuxiqueiro da cidade a verdade sobre o Machado de Assis que poucos conheciam. Depois da revelação, ele se encarregaria de espalhá-la. A reputação do escritor construída à base de fraude e de bajulações se esfacelaria.

Como tardei a falar, serviu-me a segunda dose e prosseguiu:

— O cortejo vai sair daqui a pouco. Dizem que Machado de Assis foi um grande escritor. Vinha sempre a minha mercearia após as reuniões da Academia Brasileira de Letras. Todos aqui gostavam dele. Era um homem simples, querido e honrado. — Embargou a voz, fingindo-se emocionado.

Tudo que eu havia ensaiado dizer sobre Machado se apagou diante da manifestação de Ferreira. O dono da taverna decerto nunca lera nada do escritor, tampouco o conhecera o suficiente para prestar aquelas homenagens. Apenas reproduzia o que escutava de fregueses.

— Teve sorte de se casar com uma mulher direita como Carolina. Teria sido um ótimo pai se a esposa lhe tivesse dado a graça de um filho. — Ele me puxou e me sussurrou ao pé do ouvido: — Dizem que Machado de Assis era estéril.

Ferreira me serviu mais uma dose.

— Cheguei agora há pouco do velório — continuou. — Doutor Rui Barbosa fez um discurso longo que emocionou todo mundo.

— O que ele falou de interessante? — perguntei.

— O senhor sabe que não tenho muito estudo para entender aquelas palavras difíceis, mas, pelo que consegui captar, vi que o Doutor Rui Barbosa é um grande orador.

— Ainda bem que eu não estava lá. — Assoei o nariz com o lenço de seda branco.

— Não vai passar no velório para prestar a última homenagem? Balancei a cabeça indicando que não.

— Vai fazer essa desfeita com o defunto? Soube que eram amigos de infância. As pessoas podem maldar essa falta de consideração.

Saí da frente de Ferreira para evitar o prolongamento da conversa e fui me sentar à mesa do lado de fora que acabara de ficar vaga.

Da calçada dava para ver o movimento de pessoas vestidas de luto chegando à Academia Brasileira de Letras. Em frente ao prédio, avistei alguns membros da instituição. Mário de Alencar estava aos prantos. José Veríssimo tentava acalmá-lo, mas ele parecia inconsolado. Como se não tivesse forças para ficar em pé, sentou-se na escadaria, pôs as mãos no rosto e soluçou. Euclides da Cunha e Graça Aranha se chegaram para confortá-lo.

Não passavam de paspalhões. Não teriam espaço em qualquer clube de escritores da Europa. Mário de Alencar representava bem a academia. Nunca escrevera algo relevante para ser eleito, só havia entrado lá por ser amigo de Machado de Assis e filho de José de Alencar. Uma instituição de apadrinhados.

Eu me levantava para pegar mais uma dose quando Sílvio Romero chegou. Após me cumprimentar, sentou-se comigo à mesa.

Sem que pedíssemos, Ferreira trouxe dois copos de conhaque e ficou ao nosso lado, como se quisesse escutar a conversa. Mantivemos silêncio por uns dois minutos até o mexeriqueiro desistir e voltar a seus afazeres.

— Chegou mais cedo para acompanhar o enterro? — perguntou Romero.

— Vim só para denunciar Machado de Assis. Você foi vítima dele tanto quanto eu. Isso não pode ficar assim.

— É melhor ter calma. Se for falar alguma coisa que deponha contra a reputação do defunto nesse momento de comoção, é capaz de ser preso, internado num manicômio ou até mesmo levar uma sova. — Romero

tomou um gole do conhaque e fez careta. — Além do mais, ninguém vai acreditar em você, vão dizer que está bêbado.

— Não posso ficar calado, enquanto canonizam aquele patife. O povo precisa conhecer o caráter dele.

— Concordo. Se dependesse de mim, aquele mulato não teria lugar na história da literatura brasileira. Mas temos que agir de forma inteligente. Já pensou em escrever suas memórias contando tudo que Machado de Assis fez?

— Não sei se conseguiria. Estou velho e com a vista embaçada. — Confuso, enxuguei o rosto com o mesmo lenço de seda com que assoara o nariz.

— Posso ajudá-lo no que for preciso. A única pessoa que poderia se sentir ofendida com sua história está sendo velada no prédio a poucos metros daqui — disse com a mão em meu ombro, como se quisesse me acalmar.

— Talvez você tenha razão.

— O cortejo já está saindo. Não serei hipócrita em prestar uma homenagem no enterro daquele canalha. Tenho que ir embora antes que me vejam bebendo pelo falecido. Pense no que falei sobre sua biografia.

Sílvio Romero saiu e me deixou sozinho na mesa assistindo àquele espetáculo.

Machado de Assis recebeu homenagens dos principais jornais cariocas, da Câmara dos Deputados e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Até o presidente Afonso Pena telegrafou à Academia Brasileira de Letras apresentando os seus pêsames. Como se não bastassem as honras, o governo custeou todo o funeral.

O caixão com frisos dourados saiu do Silogeu, carregado por Rui Barbosa, Graça Aranha e Olavo Bilac à esquerda e Coelho Neto, Raimundo Correia e Euclides da Cunha à direita. Desceram as escadas e puseram o ataúde num carro fúnebre, conduzido por cavalos pretos de raça e cocheiros elegantemente fardados.

A comitiva seguiu pela rua do Catete, acompanhada por uma banda com tambores, trompetes e flautas. Parecia um evento de aristocrata. Por algum momento, esqueci que se tratava do enterro de um pobre mulato.

Paguei a conta e decidi ir ao Cemitério São João Batista.

Esperei na esquina um bonde por alguns minutos. Não havia transporte disponível no Rio de Janeiro. Aqui sempre se arruma um pretexto para não se trabalhar. Parecia que a cidade inteira seguia o cortejo — em nítido contraste com os onze amigos que acompanharam Brás Cubas ao cemitério. Como não chegou nenhum carro, resolvi acompanhar o evento a pé.

Em frente ao Palácio do Catete, a banda parou de tocar e a comitiva fez uma pausa. Todos silenciaram por um minuto. Em seguida, Rui Barbosa ergueu a mão direita, fechou os olhos e falou alto, como se fosse iniciar um novo discurso:

— Modelo foi de pureza e correção, temperança e doçura. No sentimento da língua pátria, prosava como Luís de Sousa e cantava como Luís de Camões...

Rui Barbosa prosseguiu, mas não tive paciência de escutar. Para não tapar meus ouvidos na frente de todos, afastei-me. Graça Aranha e Olavo Bilac começaram a empurrar o carro fúnebre e outros os acompanharam, como se quisessem abreviar o enterro e evitar mais um maçante discurso.

Quando Rui Barbosa abriu os olhos, não havia mais plateia para escutá-lo. O caixão já se encaminhava rumo ao Largo do Machado. Com expressão desconcertada, precisou apressar o passo para não perder o cortejo.

Mais uma vez, a banda parou de tocar e o séquito fez uma pausa perante a estátua de José de Alencar. Para alívio de todos, ninguém resolveu discursar de novo. Diante da imagem do pai, Mário de Alencar voltou a derramar lágrimas e abraçou Euclides da Cunha. Ele fizera o mesmo com quase todos.

Apesar de não me conhecer, Mário de Alencar me encarou e veio em minha direção de braços abertos. Antes que me alcançasse, entrei depressa numa barbearia, onde me escondi no banheiro por alguns minutos.

Da porta do estabelecimento, vi que Graça Aranha foi mais uma vítima da manifestação de Mário de Alencar. Para evitar outros contratempos, resolvi cortar o cabelo e aparar a barba enquanto o enterro prosseguia.



Com o pelo cortado, certifiquei-me de que não havia mais ninguém por perto. A essa altura, o defunto já devia ter chegado ao destino. Por sorte, consegui um tálburi para me levar até lá. Não sei se aguentaria andar tanto apenas com a ajuda de uma bengala.

O sol se escondia, quando o cocheiro me deixou na porta do cemitério. O público que acompanhava o cortejo fúnebre tinha deixado o local. Após longa caminhada com as articulações rangendo como uma porta enferrujada, consegui chegar ao túmulo número 1.359.

As velas ainda acesas iluminavam as fotos de Machado de Assis e Carolina. Ele acabara de chegar para dividir o jazigo com a esposa, importunando o sossego dela, que durava quatro anos. O casal perfeito se unia eternamente pela morte como numa obra shakespeariana, mas a relação entre os falecidos parecia mais um romance de Flaubert.

Depositei no mausoléu uma flor e fiz uma oração. O gesto não foi em memória de Machado de Assis, mas de Carolina, por quem eu nutria profundo amor e respeito. O escritor ateu não merecia que eu gastasse com ele o pouco de fé que eu possuía. Ele que se virasse para explicar ao Altíssimo todas as maldades que causara a mim e a sua esposa. Difícilmente escaparia no Juízo Final, pois, além de tudo, tinha recusado a extrema-unção do padre nos momentos anteriores a sua morte.

Depois de conversar com Carolina, pensei nas palavras de Sílvio Romero sobre escrever minhas memórias. Teria que tomar a decisão de imediato. Caso não começasse logo a escrevê-las, as mãos trêmulas e a visão gasta pela idade não permitiriam que as concluísse.

Tinha receio de que minhas revelações pudessem macular a história de Carolina. Seria uma narrativa de amor que Eça de Queiroz adoraria publicar. A morte de Machado de Assis, porém, apagou qualquer resistência à publicação de minha biografia. Além do mais, as homenagens hipócritas que acabara de presenciar me levavam a querer mostrar a verdade.

Sílvio Romero tinha razão, não havia mais tempo a perder.

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA  
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

**[www.faroeditorial.com.br](http://www.faroeditorial.com.br)**



Há um grande número de portadores do vírus  
HIV e de hepatite que não se trata.

Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e  
hepatite é mais rápido do que ler um livro.

**FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!**



ESTA OBRA FOI IMPRESSA PELA  
GRÁFICA KUNST EM MAIO DE 2019